

Consumo interno forte limita exportações de café da Etiópia

Por Katherine Dunn | The Wall Street Journal, de Adis-Abeba, Etiópia

Um conflito está em ebulição para ver quem fica com os melhores grãos de café da Etiópia.

O governo desse país da África Oriental precisa de dólares para obras de infraestrutura e, por isso, tem metas ambiciosas de aumentar as exportações de café arábica, beneficiando-se da demanda mundial por seus grãos de alta qualidade.

Mas os etíopes, os maiores consumidores de café do continente, querem manter os grãos em casa. Com o aumento da renda nas cidades do país, os consumidores estão mais exigentes quanto à qualidade do café que consomem.

"Na maioria dos casos, o preço doméstico é mais alto do que os preços internacionais", disse Fikru Amenu, representante da Autoridade Etíope de Desenvolvimento e Marketing do Café e do Chá, durante a Conferência Mundial do Café, que foi realizada em março em Adis-Abeba, a capital do país. "Só estamos tentando convencer [os negociantes] a exportar por causa" dos dólares, acrescentou.

Acredita-se que o café tenha se originado na região etíope de Kaffa, onde foi descoberto por um pastor de cabras chamado Kaldi, cujos animais ficaram energizados depois de comer os grãos. O café tem um papel importante na vida cultural e social da Etiópia: cerca de metade de toda a safra do país é consumida internamente, segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, o USDA.

Mas ele também é uma salvação econômica: é o principal produto de exportação e responde por um terço das reservas estrangeiras do país, afirma o USDA. A Etiópia quer aumentar as exportações para financiar projetos de infraestrutura, incluindo um sistema de trem de superfície na capital e uma represa no rio Nilo.

O governo espera elevar as reservas estrangeiras provenientes das exportações de café para cerca de US\$ 880 milhões no ano fiscal que se encerra em julho, um salto de quase 13% em relação ao ano anterior, disse Amenu.

Para isso, disse, os comerciantes precisariam exportar pelo menos 206 mil toneladas da commodity, 12% a mais que no ano anterior, e converter parte dessas exportações para cafés especiais e mais caros. Os preços globais do café caíram mais de 10% nos últimos 12 meses.

O governo já restringe o mercado doméstico. Só grãos de qualidade inferior quebrados ou danificados pela humidade e por insetos podem permanecer na Etiópia. Exportadores que violem as regras podem ser multados em mais de US\$ 2 mil e condenados a até cinco anos de prisão.

Esses esforços geraram resultados parciais. O USDA prevê que as exportações desta safra podem ser recorde e que as restrições no mercado local poderiam fazer o consumo interno cair um pouco.

Mas a Etiópia vem tendo dificuldade para ampliar sua colheita. A maioria dos produtores consiste em pequenos donos de terras que usam métodos básicos de cultivo. A safra deste ano deve ficar em 390,5 mil toneladas quase o mesmo volume da anterior, segundo o USDA ou ser ainda menor por causa do fenômeno El Niño.

Para realmente aumentar as exportações, os etíopes teriam de beber muito menos café, algo que muitos dizem ser praticamente impossível.

"Se você disser para um etíope não beber café, ninguém vai ouvir", diz Wondwossen Meshesha, que tem 28 anos e é gerente de operações da Tomoca Coffee, um negócio familiar que inclui uma torrefadora e uma rede de cafeterias famosa por seus grãos recém-torrados.

Cinco anos atrás, a empresa fundada há 63 anos tinha apenas uma loja estreita na praça central de Adis-Abeba. A empresa também torrava cerca de uma tonelada de café por dia, diz Mashesh.

Hoje, a Tomoca tem seis cafés espalhados pela cidade e torra um volume dez vezes maior, diz ele. "Nós tivemos de esperar muito tempo até que [os etíopes] ganhassem seu próprio poder de compra", acrescenta.

Ao longo da última década, a Etiópia se tornou uma das economias que mais crescem na África, expandindo-se a uma média anual de mais de 10%, segundo o Banco Mundial. Mas o rápido crescimento tem sido acompanhado por uma repressão à dissidência e à oposição política.

O crescimento econômico deu impulso a uma proliferação de cafeterias em Adis-Abeba e de barracas que vendem café nas estradas próximas à capital.

"A demanda é tão forte que os etíopes beberiam todo o seu café se pudessem", diz James Kanagwa, representante no país do banco pan-africano Ecobank.

"Não é do interesse do governo estimular o consumo interno", diz Kanagwa. "De onde virá a moeda estrangeira se eles não tiveram nada para exportar?"

Apesar de a demanda por cafés especiais estar criando um mercado para o produto etíope, a campanha de exportação da Etiópia enfrenta, por outro lado, um acirramento da concorrência internacional. De fato, a desvalorização das moedas dos maiores produtores de café arábica do mundo vem incentivando seus cafeicultores a exportar.

As exportações de café do Brasil, por exemplo, o maior produtor mundial, atingiram níveis recorde e empurraram os preços globais do produto para baixo, à medida que o real recuou mais de 30% ante o dólar em 2015.

A Etiópia também compete com outros produtores africanos, como o Quênia e a Tanzânia, na exportação de grãos de alta qualidade. Mas as pessoas nestes países bebem chá, reservando o café para a exportação.

Sem ganhos de produção e com a concorrência em alta na África, a Etiópia pode simplesmente decidir elevar os preços.

Alguns cafés de alta qualidade, comprados diretamente dos produtores, podem custar até três vezes mais que no mercado de Nova York, diz Takele Mammo, gerentegeral do Sindicato das Cooperativas de Cafeicultores da cidade de Yirgacheffe. Ele diz que o sindicato tenta priorizar as exportações, mas é difícil suprimir a demanda interna. "Se você diz para a minha mãe não beber café, [ela vai] preferir não comer", diz.